

POTÊNCIAS DO TEXTO TEATRAL AMAZÔNICO

Dennys Silva-Reis (UFAC)
Rodrigo Ielpo (UFRN)

O espaço amazônico - urbano ou rural que compreende Colômbia, Venezuela, Equador, Brasil, Bolívia, Guiana, Suriname e França (Guiana Francesa) - sempre suscitou curiosidade. Desde os tempos mais remotos até a contemporaneidade. Esse interesse pela região tem raízes econômicas, políticas, sociais e culturais. Este último aspecto tem ganhado cada vez mais abrangência no século XXI, em particular, pela virada tecnológica que diminuiu o tempo de difusão de conhecimentos amazônicos, bem como aumentou a interação da região com outros lugares da América e do mundo. Tal fato se dá, certamente, em consonância com a crescente importância que o problema ambiental vem suscitando no mundo todo. Isso faz da Amazônia - seu bioma e os diferentes modos de vida de seus povos - um espaço central para as questões em jogo na geopolítica contemporânea. É nesse interim que surge, igualmente, o desejo pelo conhecimento das teatralidades amazônicas.

As teatralidades amazônicas são as mais diversas e estão presentes desde festas populares como o tradicional *Festival Folclórico de Paritins*, que acontece no Estado do Amazonas, até a publicação de textos teatrais de autores da região, como testemunham a publicação das obras completas de Márcio Souza pela editora Marco Zero e o teatro de José de Jesus Paes Loureiro, publicado num único volume contendo também seus ensaios pela editora Escrituras. A dramaturgia amazônica, enquanto texto teatral, ainda é pouco conhecida - seja pela pouca publicação disponível no mercado livreiro, seja pela pouca divulgação nos meios culturais, seja pela pouca fortuna crítica no ambiente acadêmico. Essa visibilidade exígua é observável ao se fazer uma simples busca e

constatar a escassez de materiais para a pesquisa no âmbito dos textos teatrais amazônicos. Atualmente, é sabido que há apenas a *Coleção Poracé: Teatro* da editora Valer, que recuperou alguns textos e vem publicando aos poucos autores contemporâneos da região amazônica brasileira. Somado a isso, há um esforço nos cursos de Artes Cênicas e dos coletivos teatrais da região norte brasileira em resgatar textos, representá-los e pesquisa-los como se pode observar, a título de exemplo – e citamos só um, mas há diversos outros –, a obra *Experiências teatrais no Acre* (2022) organizada por Leonel Martins Carneiro.

Sabe-se que outras línguas desta parte sul-americana (português, espanhol, francês, inglês, holandês, além das diversas línguas crioulas existentes ao longo desse território) também produzem literatura teatral amazônica. E se em língua portuguesa as pesquisas e os próprios objetos de pesquisa [os textos publicados] já são reduzidos, em língua estrangeira isso é mais escancarado. Tal fato demonstra a inarticulação das culturas amazônicas no âmbito teatral, mas também o total desconhecimento da literatura dramática vizinha, tanto no original quanto em versões traduzidas. O presente dossiê tenta responder a esse ponto, ainda que de forma tímida, ao reunir em seu conjunto estudos sobre a produção teatral da Guiana Francesa e da Colômbia, seja por meio da análise de obras específicas, seja pela apresentação de um panorama dos textos dramáticos da região.

Os pontos positivos de tentar reunir as literaturas dramáticas da Amazônia são, dentre outros: reconhecer uma estética local, criativa e viva; ter acesso a imaginários e ficções próprias da cosmologia dos povos da floresta, - indígenas ou ribeirinhos - ou mesmo aquelas produzidas na fricção com as cidades e suas urbanidades; conhecer sua própria história literária dramática por meio da iluminação recíproca das literaturas em jogo – uma vez que muitos personagens e temas são muitas vezes próximos ou mesmo iguais, mostrando-se recorrentes em diferentes tradições, ainda que com variações locais; manter um ecologia de saberes com acesso igualitário de imaginários, formas literárias e tropos de criação ou investigação; e, por fim, mas não menos importante, incentivar

a produção de pesquisa integrada na América latina, em particular na região pan-amazônica, a fim de fomentar um patrimônio intelectual literário dramático, bem como uma renovação do cânone.

É a partir destas ideias que o presente dossiê surge e almeja alcançar tanto os leitores que ainda são leigos neste domínio literário como aqueles que, apesar de afeitos à leitura e pesquisa dos textos teatrais, não tenham tido um contato mais aprofundado com o universo aqui apresentado. Intentamos, assim, reunir um conjunto de reflexões que ofereça ao público um acesso privilegiado à produção da escrita teatral amazônica. Tal acesso não tem, obviamente, a pretensão de esgotar tema tão vasto - seja em sua forma como em seu conteúdo -, o que demandaria muito mais que um único número de revista. Porém, apesar da heterogeneidade dos estudos aqui desenvolvidos, é possível perceber a recorrência de algumas questões, com destaque para os tensionamentos entre a cultura do homem branco e aquelas das populações autóctones, a deterioração da floresta, além das cosmologias ameríndias da Amazônia.

Novamente, esta recorrência não pretende ser um retrato exaustivo da produção dramática amazônica. Porém, ela não deixa de apontar para um corpo de inquietações que ligam essa produção a um campo de interrogações atuais e, mais do que isso, a um modo específico de abordagem de problemas do presente que suscitam tais interrogações. De modo resumido, pode-se dizer que as obras aqui estudadas testemunham um modo de pensar o mundo contemporâneo sem perder as ressonâncias das experiências e saberes ancestrais que as atravessam, fazendo desses saberes e experiências uma importante chave de compreensão do contexto atual.

Por último, gostaríamos de observar que as leituras e reflexões propostas neste número da revista *Falange Miúda* são apenas uma das inúmeras possibilidades que cada texto teatral estudado pelos autores oferece. Algumas das obras aqui tomadas como *corpus* de investigação apresentam pela primeira vez um estudo de fato acadêmico. Ademais, os pesquisadores de vários cantos do Brasil nos brindaram com análises

tanto de forma quanto de conteúdo, a partir do texto teatral ou com vias ao texto teatral amazônico – uma preocupação que os editores do presente número mantiveram a fim de afirmar o campo literário do texto dramático ainda tão tímido nos estudos literários brasileiros.

De antemão, agradecemos a todos os colaboradores deste número (pesquisadores, pareceristas, revisores, editores), em especial, ao editor-chefe Marcos Garcia de Sene, pela confiança e pelo espaço cedido; e desejamos aos leitores uma excelente leitura, fazendo votos para que os artigos aqui reunidos possam, quem sabe, ser fonte de inspiração para novas pesquisas ligadas ao campo de estudos que deu vida a este dossiê.